

Estação Antártica Comandante Ferraz comemora 30 anos



Renovação e evolução a serviço da Ciência



São 30 anos de evolução. Primeiro veio o desafio, quando em 6 de fevereiro de 1984 foi inaugurada a Estação Antártica Comandante Ferraz (EACF), na Península Keller, no interior da Baía do Almirantado, na Ilha Rei George. Mas, ao longo dessas três décadas, observou-se que a Estação e a presença brasileira na Antártica vieram para ficar. No início, a EACF contava com apenas oito módulos, tipo contêineres. Depois, com as sucessivas ampliações, foi possível aumentar o apoio aos projetos de pesquisa, nas mais diversas áreas.

O começo

“Foi a experiência mais rica da minha vida. A mais gratificante em termos profissionais”. Assim resumiu o primeiro chefe da Estação Antártica Comandante Ferraz, o então Capitão-de-Corveta Fuzileiro Naval, Edison Nascimento Martins, lembrando sobre sua vivência no Continente Gelado.

Na primeira “expedição” para Antártica, no verão antártico 1982-1983, o objetivo inicial era o reconhecimento da região. A escolha da localização para instalar uma estação na Antártica foi motivada pelos fatores cien-

tíficos, ambientais e logístico.

Em princípio, era um grupo de apenas 12 pessoas. Mas suficiente para montar uma estrutura de 120 m². “Foi um parto”, brincou o comandante, lembrando sobre o tempo de nove meses gastos, desde a ideia concebida no papel até a instalação propriamente dita. “Deixou de ser uma invenção, para ser uma determinação”, constatou. Ele se refere ao primeiro grande passo em direção ao Continente Antártico, quando foi atribuída à Comissão Interministerial para os Recursos do Mar (CIRM) a tarefa de elaborar e implementar o Programa Antártico (PROANTAR). Vale ressaltar que tudo isso ocorreu em uma época onde as dificuldades eram bem maiores, inclusive o fato de que o Brasil ainda era visto como um país de Terceiro Mundo.

Para o Brasil entrar no seleto grupo dos países signatários (no início da década de 60 eram 12 países) e, com isso, ter direito a voto e veto sobre as decisões na Antártica a partir do Tratado – um dos mais importantes instrumentos jurídicos de direito internacional, que normatiza as atividades dos países no continente austral -, segundo explicou o

comandante, foi preciso cumprir três metas (isso porque o País já havia aderido ao Tratado em 1975).

A primeira meta, política, teve êxito em 1983, quando o Brasil foi elevado à condição de membro consultivo do Tratado da Antártica. Já a segunda meta era logística, visando planejar, construir, transportar, desembarcar, instalar e operar uma estação científica na Antártica. A terceira e última, científica, consistia em capacitar as instituições para trabalhar naquele ambiente, com o aprofundamento dos trabalhos de pesquisa, e, assim, tornar-se membro do Comitê Científico de Pesquisas Antárticas (SCAR-Scientific Committee on Antarctic Research), que ocorreu em 1984.

A segunda operação, com o objetivo de instalar a Estação, de acordo com o comandante, saiu no dia 2 de janeiro de 1984. Foram dezesseis dias navegando rumo ao sul, a bordo do Barão de Teffé, Navio de Apoio Oceanográfico (NapOc), levando a infraestrutura necessária para garantir a presença brasileira naquela gélida região do planeta. Lá, o grupo já instalado operou por 33 dias

na estação que possuía apenas oito módulos. “Tudo uma experiência para o verão seguinte”, completou, lembrando ainda que as ampliações planejadas por ele, em 1985 e 1986, permitiram a permanência contínua a partir dessa data.

Momento atual

O Capitão-de-Fragata Frederico Carlos Muthz Medeiros de Barros, atual chefe da Estação, destacou esse momento ímpar na comemoração dos 30 anos da EACF.

“Nesses 30 anos, a Estação foi evoluindo. É como uma cidade que cresceu e tomou forma. A reestruturação ocorreu em uma estrutura já pronta e adequada”, resumiu Muthz, referindo-se à construção dos atuais Módulos Antárticos Emergenciais (MAE). Em relação às pesquisas, segundo ele, vêm se desenvolvendo com a mesma intensidade inicial, já que estas estão 100% normalizadas.

Em março de 2013, foi concluída a construção dos MAE na península Keller, dispostos sobre o heliponto da antiga Estação, já mobiliados e equipados com sistemas elétricos, hidrossanitários e de combate a

incêndio, necessários ao seu pleno funcionamento.

O fato é que o incêndio de grandes proporções ocorrido há pouco mais de dois anos, na Estação, não “parou” o Programa Antártico Brasileiro (PROANTAR), que desenvolveu consideráveis esforços com o propósito de manter as atividades de pesquisas programadas, remediando os efeitos das perdas materiais e evitando a descontinuidade das pesquisas que se desenvolvem naquele Continente. As instalações provisórias estão funcionando adequadamente, com boa infraestrutura para os alojamentos e para as pesquisas.

O Secretário da Comissão Interministerial para os Recursos do Mar (CIRM), Contra-Almirante Marcos Silva Rodrigues, responsável pelo Programa Antártico Brasileiro, informa que, durante a Operação Antártica XXXII, 25 pesquisas foram realizadas na Antártica no verão 2013/2014 (período de outubro a março, quando é possível os navios operarem na região): 12 a bordo do Navio Antártico “Almirante Maximiano”, sete no Navio “Ary Rongel” e seis, na base provisó-

ria, montada sobre o heliponto da antiga estação. “É importante destacar que a ciência nunca parou. Tudo que era feito na (antiga) estação foi transferido para os navios”, afirmou, referindo-se aos dois navios antárticos. Tanto o Navio de Apoio Oceanográfico “Ary Rongel” como o Navio Polar “Almirante Maximiano” operam com helicópteros “Esquilo”, fundamentais no desembarque de pesquisadores e de carga. Conta, ainda, com voos de apoio realizados por aeronaves “Hércules” C-130 da Força Aérea Brasileira.

O próximo desafio é a construção da nova Estação que, no momento, está em processo de licitação. Com término previsto no verão 2015-2016, o tamanho estipulado no projeto é de 4,5 mil m². De acordo com o Almirante Silva Rodrigues, esse projeto “é fruto de exaustivo trabalho sinérgico das comunidades científica, ambiental e operacional. Ouvimos todos os segmentos da sociedade brasileira, principalmente, aqueles que trabalham na Antártica.”